

A paixão feminina pela palavra

Autora brasileira mais celebrada no exterior mostra como a criação literária pode surgir dos desafios do idioma

Por Luiz Costa Pereira Junior

Em mais de um aspecto, Nélida Piñon conhece o sabor do inaugural. Não só por ter sido a primeira mulher de língua portuguesa a ganhar o Prêmio Príncipe de Astúrias de las Letras (concorrendo com Paul Auster, Philip Roth e Amos Oz, no ano passado). Não só por ter sido a primeira escritora nacional a dar curso em Harvard, nem ter sido a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras. Em gestos, conversas, textos, Nélida exala a vivacidade das descobertas. Emite sentenças cujo impacto está na formulação precisa, enfática e aparentemente improvisada. Quando tinha 10 anos, foi levada à terra natal da família, a Galícia, região do noroeste da Espanha. A experiência lhe valeu o contato íntimo com idiomas parentes, de forte repercussão em sua obra.

Essa paixão pelo inaugural está toda expressão em seu mais recente romance: *Vozes do Deserto* (Record), prêmio Jabuti de melhor romance e de Livro do Ano. Ele reconta o cotidiano intrincado da princesa Xerazade. Nélida mergulhou cinco anos na cultura árabe e nos que imaginou serem os bastidores da saga das Mil e Uma Noites, deixando respirar os personagens, suas relações, sentimentos, cenários e contexto. "O livro é um grande elogio à narrativa", resume uma autora de vivacidade, desejos e paixão pela palavra.

Língua Portuguesa - Você tem um contato especial com o português, que é a familiaridade com a língua galega.

Nélida Piñon - Inconscientemente, talvez. Outro dia, descobri que falei na infância o português do século 11. Foi uma descoberta que me emocionou profundamente. Estava acabando um romance em Barcelona quando resolvi fazer o caminho de Santiago de Compostela. Depois de 20 dias, diante da catedral de lá, vi umas quatro velhinhas, sem dentes e vestidas daquele negro eterno, de quem já não sabem mais que enlutou. Uma hora, eu me aproximei e entendi todo o galego que diziam. Há muitos anos eu não ia à Galícia e, naquele momento, eu disse: "Meu Deus! Entendo tudo!" Até que ponto o fato de eu ter, quando menina, navegado pelos rios e istmos da língua portuguesa, não me estimulou essa adesão incondicional ao idioma, esse amor esplêndido, quase voluptuoso que dedico a ele?

Quais as grandes diferenças entre a língua portuguesa do Brasil e a de outros países?

Não saberia pormenorizar, mas o português europeu usa com abundância os pronomes, assim como



"Não há carências no universo linguístico do brasileiro. O que ele disser e puder dizer está valendo; é o universo dele. Mas o brasileiro escreve com imensa dificuldade, não formula bem as frases, porque foi afastado da educação"

o espanhol. Nós brasileiros cortamos os pronomes. Criamos frases seqüenciais quase sem eles. Penso que isso ocorreu por falta de intimidade pronominal. O pronome não foi uma presença contundente na casa do brasileiro, que se ressentiu muito da falta de ensino. O português, mesmo modesto, tem recorrência pronominal muito intensa. O pronome já estava na aldeia, na casa do patrão, na fazenda, em sua própria casa. Não houve interrupção no uso. No Brasil, tivemos seguidas interrupções, porque sempre o povo esteve longe das escolas e ouviu poucas vezes o patrão falar o português fluente.

Essa forma de ver o fenômeno não diminui a riqueza da contribuição popular para o idioma?

Veja bem, a língua corresponde a ansiedades, a necessidades, à transmissão do saber cotidiano. Não há, por isso, carências no universo linguístico do brasileiro. O que ele disser e puder dizer está valendo; é o universo dele. Mas o brasileiro escreve com imensa dificuldade, não formula bem frases, porque foi afastado da educação. Isso não o impede de ser inventivo com a língua, porque é um povo novo, de um país poroso à invasão estrangeira, que ele se vê obrigado a ajustar à sua língua. Não sei até que ponto o fato de o povo não ter tido acesso a um vocabulário mais rico não o fez compensar os vácuos desse repertório com a gíria. A gíria no Brasil

é predominante. Cada vez mais há jovens com uma linguagem tribal.

Esse processo não seria indício de que, assim como o galego, o português do Brasil caminha para um idioma em separado do português europeu?

Não aceito isso. Esse processo não extrai do brasileiro o espírito e a prática da língua portuguesa. Há grupos que podem dispensar pedaços enormes do percurso da língua. Mas, quando forem absorvidos pelo mercado de trabalho, eles voltam a ela. A realidade brasileira é percorrida, descrita, definida pelo percurso da língua. Nós também inventamos, operamos e enriquecemos a língua porque somos um povo jovem que ocupa um espaço geográfico desmedido. Sofremos transposições, andamos de um lado para outro no país e isso se reflete no idioma que usamos. Veja o caso do gerúndio ("fazendo"). Muita gente critica o gerúndio brasileiro porque não sabe usá-lo ou desconhece outras formas verbais. Ele é um tempo deslumbrante. O europeu é atado ao espartilho do infinitivo ("estar a fazer"). Nós, não. Nós brasileiros temos a noção de que estamos agora aqui, mas daqui a pouco estaremos ali; há uma velocidade interna no nosso sentimento da língua, um nervosismo de estar em outro lugar que não aquele em que estivéramos até então. Temos necessidade de abranger um país amplo, de abarcar tantas experiências humanas, e o gerúndio corresponde a essa velocidade interior.

Você não tem a impressão de que Portugal, com 11 milhões de pessoas, tem sensação maior de ameaça de seu idioma do que o brasileiro?

O idioma português não está ameaçado, mas o brasileiro tem de ter convicção de que a língua é o repertório maior de sua alma. É fundamental e devemos conhecê-la tanto quanto possível. Não acho que devamos ser distraídos com a língua, não. A língua é nosso corpo, nossa genitália, nosso porvir, nossa história. Não saberia ser a brasileira que sou sem essa língua vinda de Portugal. Talvez o europeu sinta alguma ameaça

porque tem mais consciência cultural de que há uma perda óssea das línguas do mundo por conta da presença anglo-saxônica. Vejo pessoas que não dominam o inglês usarem americanismos injustificáveis. Pergunto se elas são bilíngües, se voltaram dos EUA depois de anos de ausência, mas o quê!?! Não sabem falar inglês, não. É dominação cultural pura.

O maior problema da juventude é o desinteresse pela leitura ou é achar que são inaugurais, para usar uma expressão sua.

Digo sempre aos jovens que eles não são inaugurais. Não posso aceitar a arrogância de quem acredita que está inaugurando o mundo, quando sei que o mundo é arcaico. Sou uma leitora de história, estudo Homero, eu me sinto atada às instâncias civilizatórias. Tanto que meu próximo livro vai se chamar Homero e Nós. Tive uma cátedra nos Estados Unidos por 14 anos. Dizia sempre aos alunos que eles correm um grave risco. Por ser americanos, não sabem que existiu Roma e outras civilizações tão poderosas, que já naufragaram. O risco deles é achar que podem dispensar o saber do mundo.

A arrogância do inaugural é mais danosa para a juventude do que o desinteresse em ler?

Nós estamos vivendo mudanças dramáticas na história. Até que ponto a juventude está afetada por um desalento que é grande e justificável? Afinal, vão respeitar a quem? A esses políticos incompetentes, que parecem todos iguais? Vivemos a falta utopia, de sentimento utópico, a falta de fantasiar a realidade que não seja por meio da droga. Fantasiar é lidar com os recursos humanos, fazer com que eles se expandam. É ficar dentro do círculo humano e não alienar-se do humano, como



"A realidade brasileira é percorrida, descrita, definida pelo percurso da língua. Nós inventamos, operamos e enriquecemos a língua porque somos um povo jovem que ocupa um espaço geográfico desmedido"

se faz com as drogas. Há hoje uma noção da falsa prosperidade, do falso modismo, que não atinge só o jovem, mas a todos. Os nossos valores estão abalados. O humanismo está recebendo chicotadas. Corremos o risco de reproduzir certos países em que é comum evitar-se qualquer laço afetivo com o colega de trabalho porque você sabe que vai ter de inevitavelmente atropelá-lo. Os EUA, por exemplo, são uma sociedade erguida sob valores anti-humanitários. Vivemos hoje a valorização do banal, o ataque ao pensamento, à reflexão, à boa angústia, que todo mundo tem de ter. Que falsa euforia é essa em que ninguém tem responsabilidade com a sua própria história individual? Você anda pelo mundo como se não fosse adequado refletir sobre a condição humana. Mas é preciso refletir, ter densidade, angústia, que é o ato de sonhar e de conhecer a ascensão e a queda.

Há quem diga que ler muito não faz escrever melhor, necessariamente, e o ideal seria ler tanto quanto escrever muito. Para escrever bem posso dispensar o hábito de leitura?

Sem a leitura não acumulamos vocábulos, não temos contato com pensamentos que descobrimos na leitura, não confrontamos nossas idéias com as do livro. Você precisa ser reformulado pelas idéias do outro e um livro é uma maneira. É preciso se opor à idéia do outro para vir a ter idéias que possam representar uma mudança pessoal. Se você lê e não escreve, significa que você está intimidado. Que a leitura não está lhe dando a liberdade que ela tem de oferecer. Escrever deve ser uma

conseqüência natural do prazer de ler. Agora, acho também que ler e escrever não são incompatíveis. Quanto mais você lê, mais se dá conta que é difícil escrever, mas é necessário e pode aprimorar a sua escrita.

Só investir em educação resolve o desinteresse pela leitura no Brasil?

Não é possível que nós não sejamos dotados para uma inteligência normativa e canônica. Nós, afinal, ainda crescemos na era de Guttemberg. Porque seríamos pessoas voltadas só para a música e o visual? Podemos ordenar o nosso caos e fazer a homenagem ao caos criativo.



"Sem a leitura não acumulamos vocábulos, não temos contato com pensamentos que descobrimos na leitura, não confrontamos nossas idéias com as do livro. Você precisa ser reformulado pelas idéias do outro e um livro é uma maneira"

O que um texto produzido por uma mulher é diferente do feito por um homem.

A mulher esteve sempre segregada. Não teve sempre acesso à escrita. É um ser recente na cultura. Portanto, a leitura que ela fez foi produzida pelo ontem, por uma leitura masculina. Isso por si nivela uma competência intelectual se ela leu tanto quanto o homem textos fundamentalmente masculinos. Ora, todo ser segregado tem seu leitmotiv interno, tem seus ressentimentos, mesmo que diga que não. Vai adicionar ao que escreve e pensa o fruto da sensibilidade social que lhe impuseram, aquela que talvez não seja ainda a sua sensibilidade.

Você conta nos dedos o número de mulheres de destaque na literatura nacional.

Você não vence uma resistência histórica em duas gerações. Veja um casal de mesmo nível intelectual e social. O homem tende a falar muito mais do que ela. A mulher é historicamente afásica. Mas estão queimando etapas. Com isso, também a sensibilidade do novo homem está se forjando. Agora que ele está no horizonte dele, ele também se reformulou.

Em Vozes do Deserto, vemos você fazer digressões antes de entrar diretamente na trama, como se dissesse que é impossível aludir a um patrimônio narrativo como Xerazade sem fazer antes um comentário. É isso mesmo?

Pode ser que você tenha razão, mas acho que os comentários terminam pertinentes porque são narrativos. Talvez porque minha narrativa é sempre contundente. Meu estilo é marcado por inícios fortíssimos. Nunca começo um discurso agradecendo, nem pensar. Acredito no impacto, preciso dele para sustentar o pensamento que vem em seguida. Tenho feito muito isso, sobretudo nos romances mais recentes. Lembro que meu primeiro romance, um livro extravagante, feito quando eu tinha 17 anos, começa assim: "Outrora uma clorinda silenciou o cavalo...". Você há de convir que não é uma maneira de começar um romance (risos).

Como você posiciona Vozes do Deserto no conjunto de sua obra?

Era inevitável chegar a esse romance. Eu vinha pensando na arte de fabular por anos e sabia que era a pessoa para isso. Porque tenho uma grande reflexão sobre a narrativa, já dei aula sobre criação literária, em meus cursos internacionais falo muito das técnicas e procedimentos narrativos, e vinha desejando fazer um livro que pensasse a imaginação e

a fabulação como se fossem protagonistas. Mas como fazer isso sem correr o risco de fazer um ensaio? Cada vez mais eu amplio minha ação, não só como escritora. Faço ensaio, discursos, tenho uma reflexão, organização mental de ensaísta e um ímpeto de narradora.

Depois de ganhar tantos prêmios internacionais, o que pretende em sua literatura?

Ter saúde e organização mental, mas principalmente vivacidade. Que me deixe arrebatado pela vida e pelas pessoas, e continue pensando que a vida é um enigma. Enquanto for um enigma, vou bater à sua porta. No dia em que achar que estou apática, e que os prêmios escrevem os meus livros, estou perdida. Preciso da minha consciência, de meu desgoverno, de meu caos, de minha paz para criar meus livros. Não há prêmio ou consagração que alivie a minha angústia.